

## INTRODUÇÃO

No processo de formação para a docência é necessário ter como núcleo de esclarecimento, a compreensão da vida como um todo, isto é: pessoal e profissional. Os saberes práticos são aprendidos na prática do ofício e não na universidade, onde se aprende a imprescindível teoria para o aprendizado da prática. Isso significa retomar a velha e permanente questão na formação e atuação docente: a relação da teoria com a prática no âmbito do processo ensino-aprendizagem.

O professor tem de prestar atenção no aluno, ser curioso, ouvi-lo, surpreender-se e atuar como uma espécie de detetive que procura descobrir as razões que levam as crianças a dizer certas coisas. Esse tipo de professor esforça-se por ir ao encontro do aluno e entender o seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular o seu conhecimento na ação com o saber escolar. Esse tipo de ensino é uma forma de reflexão que exige do professor uma capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção a um aluno, mesmo numa turma de trinta, tendo a noção de seu grau de compreensão e das suas dificuldades.

Devemos compreender que os saberes dos professores são constituídos e mobilizados no cotidiano para desempenhar as tarefas subjacentes à ação no ambiente escolar. Em tal perspectiva, o olhar sistematizado reconhece a complexidade da epistemologia da prática docente à luz do sujeito que a constrói – conscientemente ou não, querendo ou não –, quando ensina conteúdos curriculares na sala de aula de nossas escolas. Por isso, evidencia que a trajetória pessoal, a experiência enquanto aluno são pré profissionais. A interação em sala de aula e com outros profissionais, por sua vez, são elementos estruturantes da constituição da epistemologia da prática docente.

Este trabalho, portanto, se propõe verificar, estudar e possibilitar ações de análise do ciclo pedagógico, porque entende que o professor deva sair do tradicionalismo, tornando-se um produtor de seus próprios conhecimentos, um profissional pesquisador e capacitado a articular de modo permanente e dinâmico, os conhecimentos às práticas sociais, a fim de que se cumpra um papel formador.

## **1 A FORMAÇÃO DE DOCENTES**

Quando se fala de formação docentes acredita-se que isso se restrinja a fazer um curso que capacite a exercer a função de educador e desta forma tornar-se bom professor, qualificado para dar aula. Entretanto, ser professor requer mais do que isso, é preciso adquirir toda uma bagagem de conhecimentos, que quase sempre não se aprende só na sala de aula.

A formação de um bom profissional depende também de toda a situação cultural em que está inserido, da realidade do sistema de ensino e da própria formação adquirida como ser humano tais como a valorização do cotidiano pedagógico, discussão das práticas de ensino, reflexão sobre seus percursos, são fatores que culminam na percepção entre teoria e prática e possibilitam desta forma a construção da identidade profissional do aluno.

O professor em formação acadêmica adquire um conjunto de saberes técnicos e teóricos referentes à sua profissão, porém distantes do ambiente escolar sobre o qual atuará futuramente, uma vez que essa formação privilegia o teórico, e essa teoria não está sendo socializada aos futuros professores no chão da escola, onde o cotidiano diuturnamente é produzido e reproduzido.

Não é por acaso que professores iniciantes atribuem novos significados a sua formação teórico-acadêmica ao estarem em contato com a sala de aula real em pleno exercício do ofício, atuando como professor. É lá que se deparam com situações conflituosas, inesperadas e cotidianas. É nessa experiência de experiências de ensino que o aluno-mestre irá validar, negar, desenvolver e consolidar os saberes teóricos, transformando-os em experiências a partir de sua prática e de sua experiência individual e coletiva no ambiente escolar como um todo. Assim, com o passar do tempo, os professores vão incorporando certas habilidades sobre seu saber-fazer e saber-ser, ou seja, é com a própria experiência que o aluno de outrora, o qual possuía apenas saberes teóricos, aprende a ser professor.

O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colocar no aluno a construção de sua identidade de professor consciente da realidade em que

vive e de sua posição social. Nunca devendo reduzir o conhecimento a meras informações.

É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (Freire, 1996, p. 12).

No entanto,

(...) não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção de conhecimento. Ou seja, conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade. (PIMENTA, 2000, p.22)

Já para Tardif, o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia, desenvolvendo, assim um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. Logo, é a partir dos saberes práticos ou experiências que os professores expressam seus próprios valores, juízos e sua concepção de ensino, realizam julgamentos, interpretam, compreendem e projetam suas próprias ações em sala de aula, pois somente assim serão capazes de modificar, adequar ou reafirmar as escolhas por determinada postura e sobre sua interação com os demais sujeitos em sala de aula.

Três tipos de saberes são apontados por Tardif como estruturais na formação e atuação docente: teórico, técnico e prático. Observa-se, na racionalidade do autor que os saberes teóricos e técnicos fazem parte da formação teórica em sentido largo que se dá nos cursos de formação e os saberes práticos aprendidos/desenvolvidos no ambiente escolar e com o exercício da prática docente real.

## **2 ENSINAR A ENSINAR**

(...) o fazer pedagógico indissociável inclui o “o que ensinar” e o “como ensinar”, o pensar e o agir, e deve fazer a articulação do “para quem” com o “para que” nos conteúdos teóricos e instrumentais, o que possibilitará ao educador à práxis criadora. (CANDAUI, 2001, p. 69)

Os modos de aprender a ensinar ocorre efetiva e eficazmente quando o professor está em contato com os alunos, com o contexto escolar e na troca com professores mais experientes, pois, para Tardif (2002, p. 20), “[...] ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente”.

Desse modo, ocorrerá uma aproximação entre os conhecimentos teóricos aprendidos “nos ambientes teóricos” com a prática pedagógica, mas sem deixar de lado a reflexão sobre o próprio trabalho desenvolvido em sala de aula. Portanto, a sala de aula é o local mais expressivo para a formação docente, onde verdadeiramente o aluno aprende a ensinar e a tornar-se professor.

Com a inserção do professor em seu ambiente de trabalho, ele terá de enfrentar situações para as quais não estava preparado, porque a vida real tem uma dinamicidade muitas vezes diferente da que está nas teorias que são ensinadas nos cursos que preparam professores. Não porque sejam defeituosas em si ou por si mesmas, mas, sim, porque a vida real tem a contemporaneidade histórica daquele momento em que uma determinada prática está sendo realizada. Nesse sentido, as experiências cotidianas e a reflexão na ação fazem que esse profissional ultrapasse as teorias científicas disponíveis, valendo-se de sua experiência pessoal, de seus valores e de seus sentimentos para solucionar qualquer conflito. Afinal quando o professor reflete sobre sua ação, ele está buscando soluções que atendam aos problemas reais encontrados em sala de aula e relacionando as teorias à situação singular vivenciada em sala para poder agir de maneira mais racional e adequada, evitando assim reproduzir vícios e atuar mecanicamente.

### **3 UM NOVO MODELO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES**

Gómez (1992, p.110) propõe um novo modelo de formação de professores, uma parceria entre universidade e “escolas de desenvolvimento profissional”,

visando à figura do supervisor ou tutor universitário experiente e comprometido com o ensino reflexivo e com sua própria auto formação para aproximar o aluno da prática em sala de aula, procurando instigá-lo a investigar sua ação, formar seu próprio conhecimento na ação e refletir sobre a ação, possibilitando que o aluno mestre conheça e relacione a teoria à realidade vivenciada no contexto escolar.

O profissional competente atua refletindo na ação, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando através do diálogo que estabelece com essa mesma realidade. Por isso, o conhecimento que o novo professor deve adquirir vai mais longe do que as regras, fatos, procedimentos e teorias estabelecidas pela investigação científica.

No modelo de formação de professores como artistas reflexivos, a prática adquire o papel central de todo o currículo, assumindo-se como o lugar de aprendizagem e de construção do pensamento prático do professor. A prática encontra-se sempre num equilíbrio difícil e instável entre a realidade e a simulação.

A prática deve ser considerada o “núcleo” de todo o currículo de formação de professores e, assim, a partir da prática, decorrerão todos os estudos sobre o ato de ensinar, com o objetivo de que o conhecimento sistematizado nos ambientes acadêmicos adquira significado para o aluno-mestre e esteja integrado ao pensamento prático do professor.

Destaca-se, assim a questão da importância da prática e ressalta-se a questão da formação prática do professor:

*As pesquisas sobre formação de professores têm destacado a importância de se analisar a questão da prática pedagógica como algo relevante, opondo-se assim às abordagens que procuravam separar formação e prática cotidiana. (Nunes, 2001, p.28).*

Já para Freire, existem saberes necessários à prática educativa tais como: dar condições ao educando de aprender criticamente, afinal os que ensinam e os que aprendem são sujeitos de um processo, mais que de formação, de construção e de criação. Ele considera, ainda, que todo professor é um pesquisador e no

exercício de sua profissão, deve mostrar ao seu aluno que sua experiência influencia a maneira como ele aprende, fazendo com que esse reflita sobre sua realidade, a fim de transformá-la. Para ele todo educador deve ser crítico estando comprometido com os resultados de sua ação pedagógica, sendo um ser transformador capaz de melhorar sua prática.

Portanto, a relação entre teoria e prática é uma das manifestações da aprendizagem significativa, que tem como características a união e a vinculação entre esses eixos em relação simultânea e recíproca de autonomia e dependência. Nessa perspectiva, a relação entre ambas é indissociável, porém, tendo cada uma delas a sua particularidade:

A teoria não mais comanda a prática, não mais a orienta no sentido de torná-la dependente das idéias, como também não se dissolve na prática, anulando se a si mesma. A prática, por seu lado, não significa mais a aplicação da teoria ou uma atividade dada ou imutável. (CANDAUI; LELIS, 2001, p. 63).

Segundo Libâneo, com a participação na organização e gestão do trabalho escolar, os professores podem aprender várias coisas: tomar decisões coletivamente, formular o projeto pedagógico, dividir com os colegas as preocupações, desenvolver o espírito de solidariedade, assumir coletivamente a responsabilidade pela escola, investir no seu desenvolvimento profissional, mas principalmente aprender sua profissão. É claro que, os professores desenvolvem sua profissão, primeiro no curso de formação inicial, depois na sua história pessoal como aluno, nos estágios, etc. Mas é imprescindível ter-se clareza hoje de que os professores aprendem muito compartilhando sua profissão, seus problemas, no contexto de trabalho. É no exercício do trabalho que o professor produz sua profissão. Esta é hoje a ideia-chave do conceito de formação continuada.

Por fim, o novo modelo de formação de professores deve proporcionar aos docentes o questionamento de suas próprias práticas. Por isso, é preciso que estes sejam entendidos como sujeitos capazes de gerar conhecimento e de valorizar o conhecimento desenvolvido por outros e, assim, possam por meio da reflexão melhorar sua prática pedagógica.

(...) a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação (...). (LIBANEO 2001 p.85)

A formação de professores deve considerar os processos de aprendizagem dos sujeitos em seus múltiplos ambientes sociais, não apenas na escola, na sala de aula, mas nas experiências pessoais e pré-profissionais que estarão presentes, mesmo que inconscientemente, no fazer pedagógico deste professor ao atuar em sala de aula. Deste modo, “[...] aprender a ensinar é um processo de transformação e não só de aquisição de novos conhecimentos e aptidões...” (Feiman-Nemser , 1990, p.32).

#### **4 PRÁTICA X TEORIA**

A prática de formação deve ser compreendida como espaço que oportunize a efetivação do conhecimento e dos saberes necessários ao docente para problematizar sua prática pedagógica, um lugar de produção de conhecimento, desta forma não pode ocorrer de maneira quaisquer necessitam ser supervisionadas e fundamentadas, somente assim será possível realizar a articulação entre teoria e prática.

Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve os saberes e as competências do ensinar. (Libâneo, 2001)

É ressaltada ainda a constatação da descontinuidade entre a teoria universitária e a prática do trabalho, na qual essa é a razão pela qual as escolas se constituem em locais de aprendizagem dos professores e de desenvolvimento profissional. Essa constatação entre a prática e os conhecimentos teóricos aparece já na formação inicial de professores, através do estágio supervisionado, ocorrendo efetivamente no exercício profissional, pela ação e reflexão com seus pares no seu

trabalho cotidiano. É na escola que o professor coloca em prática suas convicções, seu conhecimento da realidade, suas competências pessoais e profissionais.

Ao considerar a complexidade da formação humana, pode-se estabelecer diferentes etapas na formação de professores. Para Feiman as fases relativas ao processo de aprender a ensinar são as seguintes:

- a) Fase do pré-treino: inclui as experiências prévias de ensino vivenciadas, geralmente, como alunos;
- b) Fase de formação inicial: é a etapa de preparação formal numa instituição específica de formação de professores;
- c) Fase de iniciação: correspondente aos primeiros anos de exercício profissional do professor;
- d) Fase de formação permanente: inclui todas as atividades que permitem o desenvolvimento profissional e aperfeiçoamento de seu ensino.

Já García formula princípios que devem ser considerados para se pensar a formação de professores. Esses princípios dizem respeito à complexidade da formação profissional e outros dizem respeito a procedimentos que devem ser utilizados, tendo em vista a complexidade a que se refere. Nesse sentido, temos:

Primeiro princípio: é o de conceber a formação de professores como um processo longo e diferenciado;

Segundo princípio: refere-se à necessidade de “[...] integrar a formação de professores em processos de mudança, inovação e desenvolvimento curricular”; (García, 1999);

Terceiro princípio: refere-se à necessidade de integrar a formação com o desenvolvimento organizacional da escola;

Quarto princípio: prioriza a relação dos conteúdos acadêmicos e disciplinares com a formação pedagógica dos professores;

Quinto princípio: diz respeito à necessidade de integrar a teoria e a prática na formação de professores, ou seja, salientar que os professores, enquanto profissionais do ensino, desenvolvam um conhecimento próprio, produto das suas experiências e vivências pessoais, que racionalizem e inclusive tenham uma rotina.

Sexto princípio: explicita a necessidade de procurar estabelecer certa relação entre a formação teórica com o contexto de aplicação em que o professor desenvolverá sua ação;

Sétimo princípio: salienta a importância da individualização como elemento integrante neste processo formativo.

Com essas fases e princípios, vemos que o aprender a ensinar deve estar integrado ao processo de formação estabelecido entre o conhecimento prático e o conhecimento teórico adquirido na universidade. A prática deve ser considerada como núcleo central e como ponto de partida para o currículo de formação de professores e não apenas um mero componente curricular a ser desenvolvido por um período muito curto, principalmente nos estágios supervisionados de ensino.

Para Garcia o aprender a ensinar não deve ser um processo homogêneo para todos os sujeitos, mas que será necessário conhecer as características pessoais, cognitivas, contextuais, relacionais, etc. de cada professor ou grupo de professores de modo a desenvolver as suas próprias capacidades e potencialidades.

## **5 OS SABERES**

Podemos observar claramente que os professores iniciantes ainda não dominam os saberes necessários a seu fazer docente. Desse modo, são estrangeiros em um ambiente bastante familiar, pois no ambiente escolar estiveram até então somente como alunos e não como professores. Desse modo, enquanto alunos não são responsáveis pela aprendizagem de seus pares, mas quando se tornam professores terão de assumir responsabilidades que não tinham antes. Passam em um período temporal relativamente curto, de alunos e aprendizes a professores e mestres.

É necessário considerarmos os saberes da docência, em seu sentido mais amplo, formados pelos saberes da experiência, pelos saberes científicos e pelos saberes pedagógicos. Os saberes da experiência são formados, segundo Pimenta, pela experiência vivenciada em sala de aula como aluno, sobre o que é ser professor e sobre as dificuldades enfrentadas por esses profissionais ao exercerem a profissão. Neste sentido, o desafio dos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem de alunos a professores, isto é, de construir a sua identidade de professor.

Pimenta afirma que os saberes científicos são indispensáveis ao professor para que seja bem-sucedido em sua prática docente, tendo em vista ter clareza sobre os conteúdos a serem ensinados. Isso é algo indiscutível, uma vez que a função clássica da escola é contribuir para a formação intelectual, cultural e humanística dos alunos.

Os saberes pedagógicos, por sua vez, são tão importantes quanto os dois saberes anteriores. Para a autora, a formação acadêmica deve partir dos saberes já constituídos da prática. Trata-se, portanto, de uma sugestão de articulação entre a formação inicial com a realidade escolar, isto é, com as práticas pedagógicas efetivadas. Com isso visa à autora uma tentativa de superar a fragmentação entre os saberes da experiência, os saberes científicos e os saberes pedagógicos.

Segundo Pimenta:

As conseqüências para a formação dos professores são que a formação inicial só pode se dar a partir da aquisição da experiência dos formados (ou seja, tomar a prática existente como referência para a formação) e refletir-se nela. O futuro profissional não pode constituir seu saber-fazer senão a partir de seu próprio fazer. Não é senão sobre essa base que o saber, enquanto elaboração teórica, se constitui. Frequentando os cursos de formação, os futuros professores poderão adquirir saberes sobre a educação e sobre a pedagogia, mas não estarão aptos a falar de saberes pedagógicos. (Pimenta, 1998, p.25-6)

Assim vemos que é o ambiente escolar que forma o professor, e a prática pedagógica em sala de aula que possibilita a esse profissional adquirir um conhecimento prático, ou seja, aprende-se a ser professor exercendo o ofício e

adquirindo os saberes pedagógicos, pois a escola é, verdadeiramente, um espaço de aprendizagem/desenvolvimento para o professor.

A informação que a voz do professor oferece diz respeito a tipos de saberes da profissão docente que só podem ser aprendidos com e no exercício da mesma.

Dessa forma, fica evidente que, os profissionais da educação, precisam possuir algumas competências necessárias que os farão apropriar-se de saberes ligados à prática pedagógica priorizando dessa forma sua participação em situações educativas planejadas e criativas, numa postura crítica dentro e fora da escola.

## **6 A EXPERIÊNCIA**

A experiência da sala de aula (que se dá no âmbito da formação prática e não teórica) possibilita ao professor um conhecimento prático. Ele aprende com as relações sociais aí estabelecidas, com seus alunos, seus gestos e atitudes, questionamentos e propostas. Com o tempo e com a experiência prática que possui, o professor passa, a saber, qual rumo deve tomar para conduzir uma aula.

É em seu ambiente de trabalho, praticando a docência, que o professor pode e precisa colocar à prova sua criatividade a partir, justamente, do aparecimento de situações inesperadas. Caso contrário, ser criativo passa a ser apenas uma “receita” abstrata que é doada durante a formação inicial, sobretudo no âmbito das disciplinas pedagógicas.

Contudo, não pode passar despercebido o fato de que a formação teórica – na formação inicial – não dá a segurança necessária ao exercício docente e essa segurança é construída no dia a dia da sala de aula. Durante a aquisição de saberes que só podem ser aprendidos e apreendidos no efetivo exercício da profissão, porque fazem parte do âmbito prático do ato de ensinar na escola e dependem das necessidades que são demandadas pelos alunos, espontânea e circunstancialmente, ou seja, dependem das contingências.

Segundo Fontana a docência vai se constituindo no processo de autoconhecimento do professor, na prática diária do cotidiano e nas relações de

trabalho, sendo que cada profissional terá uma formação específica. Embora desempenhem papéis distintos, tanto os alunos quanto os professores ensinam e aprendem em uma relação de complemento.

Fontana afirma que, quando nos tornamos professores (as), nos tornamos parte da sala de aula, e nos inserimos nela com sentimentos de alegria, tristeza, competências, incompetências, frustrações, inseguranças, raivas, desconfianças, irritações, com tudo o que se sabe e o que não se sabe. Tudo isso faz parte da sala de aula e também do ser professor.

## **7 APRENDER A ENSINAR**

A organização do contexto em sala de aula explicita os objetivos que desejam alcançar com seus conteúdos; à localização histórica do conteúdo; à relação que fazem com o conteúdo que ministram com outras áreas do conhecimento; à apresentação do roteiro de estudo; ao incentivo à participação dos alunos; ao esforço em tornar a linguagem acadêmica acessível; à variação de estímulo (principalmente no que se refere ao uso de recursos audiovisuais); à movimentação do professor que remete à ideia de proximidade com os alunos; e, sobretudo, ao domínio de conteúdo.

Outra influência reconhecida refere-se ao saber que constroem na própria experiência, enquanto docentes. Nela localizam a possibilidade de aprenderem com colegas de trabalho, com alunos, e refletir sobre sua própria docência, reformularem sua forma de agir e de ser. Este dado confirma que a prática é um elemento importante na aprendizagem e que a experiência que o indivíduo vive é insubstituível no seu significado educativo. O fazer e o refletir sobre este fazer têm sido, no dizer dos BONS PROFESSORES, um mecanismo fundamental para delinear seu desempenho docente. (Cunha, 1992, p.160)

Vale ressaltar ainda que, em uma sala de aula, tanto alunos como professores estão aprendendo, cada um a sua maneira. O aluno, por sua vez, está aprendendo a cultura e conhecimentos valorizados socialmente, enquanto o

professor está aprendendo os modos pelos quais melhor exercerá sua função de ensinar de maneira prática, esta no sentido de ser pensada e refletida.

A professora não está pronta dentro de nós quando começamos a trabalhar, quem sabe nunca estará, assim ao iniciar na profissão docente, os ritos, os sentimentos e práticas começam a ser aprendidos e incorporados quando atuamos dentro da sala de aula. Aprender a ser professor (a) é um processo de aprendizagem profissional que ocorre quando efetivamente atua-se em sala de aula, uma vez que cada dia é diferente do anterior, cada turma é diferente da outra e como o (a) professor (a) terá de aprender a lidar com tais diferenças. Sendo assim, a sala de aula propicia a aprendizagem docente, mostrando todas as contingências presentes no trabalho prático da docência, pois um dia é diferente do outro, o que possibilita o tornar-se professor, o vivenciar das experiências, o aprender nas mais diversas situações. Isso não pode ser ensinado aos alunos dos cursos de formação inicial para a docência porque a prática é eminentemente prática e mais nada.

Reconhece-se que se aprende a ensinar quando se exerce o ofício de professor. Desse modo, são as experiências em sala, o contato com os alunos e o enfrentamento de situações desafiadoras que tornam o aprendiz em mestre. E, mesmo que professores e alunos desempenhem funções diferentes, a aprendizagem entre esses sujeitos ocorre em uma relação de complementaridade, pois esses sujeitos estão aprendendo ao mesmo tempo, porém “lições” diferentes.

Aprender a ensinar, aprender a ser professor é um processo longo e dinâmico e este aprender ocorre, sobretudo, dentro da sala de aula, pois esta é caracterizada por sua simultaneidade de eventos. Este é um processo que se desenvolve ao longo de toda a trajetória profissional e atuação docente. As experiências vivenciadas oportunizam mudanças de concepções quanto ao ensino e à própria prática, pois, ao ser considerado como um processo contínuo, as vivências que ocorrem dentro da sala de aula são contextualizadas em situações bastante singulares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor no início da carreira se constitui em uma luta para estabelecer uma identidade profissional; é nesse período da profissão que o educador constrói as experiências que o ajudarão em sua atuação futura.

De acordo com Tardif (2002), com o decorrer dos anos o professor vai mudando e tornando-se mais confiante em seu próprio trabalho, porque com a evolução da carreira e com as diferentes situações que perpassam esse processo o docente constrói suas aprendizagens tendo maior domínio de seu trabalho. Apesar das muitas dificuldades enfrentadas pelos professores iniciantes no Brasil, as mais frequentes dizem respeito ao planejamento, à relação entre teoria e prática, à solidão e ao isolamento; dificuldades estas que marcam este momento inicial como crucial para o aprendizado dos saberes profissionais.

Essas dificuldades favorecem o aprender a ensinar, por configurarem dessa maneira o início da profissão como um momento de grande aprendizado para o educador.

Considerando que a aprendizagem docente ocorre quando, efetivamente, se atua em sala de aula, em função de sua simultaneidade de eventos e, pelos professores serem responsáveis por motivar seus alunos e pelos conteúdos ministrados, diferentemente de quando estão na faculdade, onde os alunos lêem sobre tais assuntos, mas não os praticam, apontam-se algumas alternativas para o curso de formação: a atividade de pesquisa durante todo o curso de formação e o trabalho em sala – a atuação como docente, durante todo o período do curso. Tais alternativas apontam para urgência de que a formação do docente seja um processo permeado pela prática, nas escolas.

Sob este aspecto, o estágio supervisionado torna-se relevante por ser a oportunidade do discente, adentrar no campo escolar, confrontar-se com o concreto, percebendo-o como embasamento teórico/prático e ao mesmo tempo refletir acerca da realidade. É um componente pelo qual os sujeitos devem ser capazes de contextualizar, planejar e gerir a sua ação pedagógica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, M. **Complexidade da formação de professores:** saberes teóricos e saberes práticos [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 114 p. ISBN 978-85-98605-97-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CANDAU, Vera M.; LELIS, Isabel A. **A relação teoria-prática na formação do educador.** In: CANDAU, Vera M. **Rumo a uma nova didática.** 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível.** In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. O educador: vida e morte. RJ: Graal, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 1994 – Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001

PIMENTA, S. G. **Formação de Professores:** identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** São Paulo: Cortez, 1999

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** saberes da docência e identidade do professor. In FAZENDA, Ivani C. A. (org.) **Didática e interdisciplinaridade.** 8a ed. São Paulo: Papyrus, 2003.